

MEMÓRIAS

Lembro-me bem de ver-te em correria, palmilhando a casa, tentando esticar os minutos a um dia a terminar. Aquecias ao lume o caldo que restara do almoço, ao mesmo tempo que passavas um vestido aos folhos, saído há pouco da barrela. Ainda assim te sobravam uns momentos para alinhar um sorriso que atiravas em jeito de ternura.

E como eras pequena e franzina, passarinho tímido galgando montanhas, se teus filhos careciam de bem-estar. Quatro, a tiracolo, vestidos gémeos ponteados sem conta pelas mãos doridas, quantas vezes em noites de vigília.

Ficou em mim o cheiro quente da broa repartida pela manhã, manjar de príncipe que sugávamos num ápice e que de novo atingíamos chegada a hora da próxima refeição.

Reinava o amor na pequena casa branca naquele bairro operário junto à zona ribeirinha do Porto. Esperanças que bebíamos, fantasias que sonhávamos em sonhos partilhados, era o muito que havia para quem bastava um simples nada.

E tu, mãe, eras a mão que aquecia os dias frios, o pão que tiravas à boca para que a ração fosse melhorada, ou a noite perdida passada à cabeceira das pequenitas.

Revivo ainda aquele teu aniversário, festejado com flores embrulhadas a preceito, e que comprei com o dinheiro que amalharas para o meu lanche na cantina da escola. Recordo-me de ver-te, lágrimas rolando dos teus olhos meigos, enquanto me batias e me abraçavas bem junto, num misto atordoado de prazer e dor.

Ou quando, outras vezes, colocávamos as socas na chaminé de pedra, junto ao fogareiro a petróleo, mais parecendo soldadinhos alinhados aguardando o destroçar, fingindo acreditar na chegada do Pai Natal!

Retenho comigo os doces momentos de um mesmo passado, parcas as posses, sobrando o carinho, moldura etérea que contemplo e me renova a cada dia que passa.

Quem melhor que tu, mãe, posso encontrar, ao pretender falar de NATAL ...!

M. José Cepeda



VIDA ATIVA

ARPIFC 62

Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos da Freguesia de Cacilhas

Natal antigo

E como por artes mágicas, eis que ele chega de repente, indelével, catapultado para os nossos corações indefesos, e o pensamento corre para os entes queridos, longe ou perto, um misto de saudade e dor em tempos sombrios.

Por entre as janelas das casas, um piscar entrecortado de luzes relembra a nossa infância, o saltitar junto à árvore, no meio dos laços coloridos que prometiam presentes. Por vezes, os pequenos pais-natal pendurados na árvore sofriam pequenas mordidelas de bocas sedentas de doçuras.

Mas hoje eu não me encontro tão certa dessa recordação antiga que gostaria de transportar para todos.

Relembro necessidades várias no seio da minha família longínqua, minha mãe reinventando umas moedas para comprar um boneco de trapos ou um pequeno chocolate de leite.

E perfilávamos nossos sapatos na lareira velha da cozinha, na esperança de encontrarmos algo ao acordar: um carrinho de folha, uma boneca encontrada no lixo que minha mãe vestia com roupas de princesa nas noites sem dormir, ou ainda uma pequena tablete que degustávamos devagarinho para que não terminasse nunca.

Eram tempos de carência que agora recordamos sem mágoa, parcas as posses, sobrando o carinho, numa casa de sete bocas para alimentar, que meu pai, trabalhando dia e noite, tentava suprir.

Como recordo esses tempos de carência, nestes dias de abundância efémera ...

M. José Cepeda



Nós por cá

Rezamos na igreja pela paz
Implorando a santa Virgem Maria
De joelhos pouco se faz
Mas não é a chorar, sentado no sofá
Que virá o sol, de melhores dias

Gastam euros aos milhões
Esquecem o sofrimento e a dor
Não são homens, são tubarões
Que procuram as suas razões
Para esquecer que a vida é feita de amor

Matam sem dó nem piedade
Fazem guerra para tudo esquecer
Mostram a mentira, escondem a verdade
Retiram ao mundo, o sonho da liberdade
Tudo o que fazem é pela ganância do poder

Distribuem balas, em lugar de pão
Esmagam sem pena, o povo que trabalha
Impõem pela força a sua razão
Esquecendo que foi esse povo, resmungão
Que criou tanto ladrão e tanto canalha

Não conhecem os pais, nem os irmãos
A ambição pelo poder tudo lhes traz
Inventam uma guerra sem haver razão
Mandam matar, sem pena, nem paixão
E nós rezamos, na igreja, pela paz

António Bacalhau



Realizou-se, no passado dia 30 de novembro de 2023 a Assembleia Geral Ordinária para «Apreciação, discussão e votação do Plano de Atividades e Orçamento para o ano de 2024 e Parecer do Conselho Fiscal», tendo o mesmo sido aprovado por unanimidade e aclamação.



Decorreu, em 7 de dezembro de 2023, a nossa habitual FESTA DE NATAL com a participação de muitos dos nossos associados. A nossa Festa foi abrilhantada pelo GRUPO MUSICAL ALMA DE CACILHAS



O nosso Grupo Musical participou nas festividades da autarquia, nomeadamente no Mercado de Natal Amigo da Terra, bem como o evento Rua dos Presépios.



Folha processada com os recursos informáticos da ARPIFC
Da responsabilidade da Direção
Publicação trimestral (se possível)
Escrevam qualquer coisa para publicar
nos próximos números